



SOCIEDADE, TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO: AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E O PENSAR DA SOCIEDADE CONCRETA

SOCIETY, TECHNOLOGY AND EDUCATION: INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES AND THE THINKING OF THE CONCRETE SOCIETY

José Anderson Santos CRUZ

UNESP, Campus de Bauru
Faculdade Anhanguera, Campus Bauru/SP.
andersoncruz@andersoncruz.com.br

José Luís BIZELLI

UNESP, Campus de Araraquara
bizelli@fclar.unesp.br

Resumo. A sociedade da informação está cada vez mais incorporando o imenso volume de conteúdos disponíveis na rede. O acesso por dispositivos eletrônicos e a facilidade resultante da mobilidade e da portabilidade alimenta discussões sobre a capacidade real de apropriação desse conhecimento que circula pelo ciberespaço. Abordar e discutir as possibilidades de educar pela rede, portanto, ganha cada vez mais relevância. Diante de modelos de qualidade educativa bem desenvolvida – como acontece na Finlândia, por exemplo –, a educação brasileira vai sendo, ano a ano, reprovada nas maratonas internacionais por atingir índices abaixo da média exigida. Cria-se um campo de análise, no qual este artigo se coloca na busca por entender mais profundamente a oportunidade de utilização das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) para uma educação de qualidade, mergulhando pelas questões culturais que se inserem na construção das condições objetivas oferecidas aos educandos brasileiros. Trata-se de um esforço na compreensão dos fatores históricos que limitam os esforços para o oferecimento de uma educação de qualidade no Brasil.

Palavras-chave: Educação; TIC; Sociedade da Informação e do Conhecimento; Limites Estruturais.

Abstract. The information society is increasingly incorporating the immense volume of content available on the net. Access by electronic devices and the resulting ease of mobility and portability feed discussions on actual capacity of appropriation of this knowledge that circulates through cyberspace. Address and discuss the possibilities of educating across the network, therefore, gains more and more importance. On models of educational quality well developed – as is the case in Finland, for example-, Brazilian education is, year after year, failing in international marathons to achieve below average indexes required. Creates a field of analysis, in which this article arises, in the quest to understand more deeply the opportunity of use of Information and communication technologies (ICT) for a quality education, plunging by cultural issues that fall in the construction of objective conditions offered to students. This is an effort in understanding the historical factors that limit efforts to offering a quality education in Brazil.

Keywords: Education; ICT; The information and knowledge society; Structural Limits.

1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) – sejam aquelas que funcionam diretamente como meios de comunicação, ou seja, tablets, smartphones, TVD ou TVDi – promovem mudanças no modo como os seres humanos interagem e inteiram-se com os conteúdos e com as inovações produzidos pela sociedades modernas. Transformam-se, assim, comportamentos e modos de agir a partir das diferentes capacidades de apropriação da informação, tanto em questões econômicas, sociopolíticas, culturais que se refletem na produção de políticas públicas voltadas para a educação, desenhando paradigmas sobre a administração do Estado e dos governos concretos.

No caminho para compreender, de forma densa, a apropriação possível dos conteúdos veiculados pelos modernos de comunicação, é preciso anotar que a construção da sociedade está assinalada por fenômenos que dão limites à ação de atores como os educadores, por exemplo. Por princípio, a informação e o conhecimento podem ser disseminados por dispositivos simples como o diálogo ou livros; ou por e-mails e as complexas conexões da rede; permitindo, ao final, trocas criativas entre emissores e receptores de diversos tipos.

Ao se analisar a história do mundo – do pensamento e das coisas – os seres que antecedem àqueles que pensam de forma digital já se utilizavam dos meios para informar e formar as gerações futuras. Não é possível fechar os olhos, porém, à velocidade que adquiriu a disseminação do conhecimento com a rede mundial de computadores. Conhecimentos e conteúdos estão disponíveis de forma virtual àqueles que se formaram enquanto seres capazes de se apropriar através dos códigos da investigação, os quais estão conectados, em tempo real, através dos aparatos tecnológicos de comunicação.

Compreender e dominar os códigos das novas tecnologias se torna relevante para produzir e absorver os conteúdos para gerar inovações, conhecimento através das informações que é proporcionado pelas TIC em tempo real. O mundo globalizado – sócio, político e economicamente – ganhou realidade na rede – sentido do real no virtual, ou seja, as novas tecnologias são reais para o acesso, o acesso se torna real no mundo virtual, logo a materialidade do ato de dominar os códigos gerados pelas TIC. Um incomensurável mercado de trocas – financeiras, de relacionamentos, religiosas, de identidade, de representações simbólicas, formativas e informativas – ganhou vida no ciberespaço.

É natural que esse espaço também agregue as representações políticas despertando o interesse dos governos para controlar habilidades que lhes ofereçam vantagens competitivas no mercado das trocas para a governança e para a governabilidade (Bizelli e Cintrão, 2012). Para além das iniciativas que visam pragmaticamente o mercado eleitoral do novo voto que representa as massas digitais, é possível pensar que os governos encontrem nas TIC apelos para promover a democracia e os canais para uma cidadania mais ativa. Ganha importância, então, as pesquisas, as formulações – elaboração, meios de implantação e avaliação corretiva – de políticas públicas e o pensamento estratégico focado na garantia do direito de acesso à rede mundial de computadores e do direito à apropriação de seus conteúdos, o que passa por uma universalização da educação para as inovações tecnológicas e para as ferramentas do mundo virtual (Bizelli, 2012).

Aprender como produzir uma sociedade que caminhe para o futuro, através da história recente, pode indicar alternativas para repensar políticas que venham a ser desenhadas. Quando se olha para o horizonte da educação, não há como desviar a construção de cenário de países como a Finlândia, considerada pilar de sucesso nos ranques educativos internacionais. Ali as TIC estão aplicadas no setor público através da e-democracia e do e-governo, mas estão, principalmente, presentes na educação e na cultura.

Aprofundar o debate sobre as discussões e as reflexões que ocupam as preocupações da população de outros países para construir suas políticas de elaboração, implantação e avaliação de modelos possíveis para a administração da educação, da saúde, da administração pública e para a gestão da participação cidadã. Afinal, qual é a visão global que atravessa a sociedade e o governo para superar as constantes divergências políticas, sociais e econômicas?

2 UMA VISÃO GLOBAL DO MODELO EDUCACIONAL DA FINLÂNDIA VERSUS O MODELO BRASILEIRO

Apresentar e discutir como a educação da Finlândia se torna relevante para buscar soluções tupiniquins – a partir de um olhar criterioso – tem como fito provocar um debate que possa incentivar mudanças para as políticas públicas brasileiras num caminho que redunde em melhorias concretas para a melhoria da educação. Não é um caminho, porém, de mudanças apenas na legislação, como se inserir ou retirar decretos produzissem efeitos salutares na melhoria da educação, no Brasil. Para além das questões sociopolíticas e suas consequências normativas e político-institucionais, as condições objetivas de estruturação da sociedade, seu nível econômico e cultural determinam as fronteiras possíveis para que os atores se locomovam.

A inserção das TIC em sala de aula, por exemplo, depende de atores educadores que carreguem em seu perfil profissional habilidades que permitam trabalhar com desenvoltura nas redes de inovação. Observa-se, no Brasil, que a maioria dos educadores que tem acesso aos dispositivos tecnológicos – que estão familiarizados com o acesso e a apropriação dos meios digitais – trabalha em salas de aula voltadas à educandos pertencentes aos estratos de renda econômica superior. A maioria dos educandos que ocupam camadas de renda baixa e que dependem das políticas de inclusão via as mãos do Estado – como aqueles que são público alvo de programas como o “bolsa família” – estão sendo educadas por pessoas que não têm familiaridade com as inovações educativas.

Segundo Nogueira¹(2013, web), dados relevantes das pesquisas sobre o ranking dos países que possuem a melhor educação, reputam à Finlândia um lugar de destaque. A pesquisa realizada pela editora britânica – responsável pelas publicações de Revistas como a Pearsons e a Economist – observa que a Finlândia ocupa o primeiro lugar na qualidade de sua educação. Países como o Brasil, México e a Indonésia disputam acirradamente a última colocação. Segundo o autor, se o Brasil estivesse disputando um campeonato de futebol, perderia feio.

É preciso entender, portanto, porque países como a Finlândia possuem essa avaliação positiva sobre a qualidade de sua educação. Quais são, afinal, os quesitos que desenham o sucesso finlandês:

1)Todas as crianças têm direito ao mesmo ensino. Não importa se é o filho do premiê ou do porteiro; 2)Todas as escolas são públicas, e oferecem, além do ensino, serviços médicos e dentários, e também comida; 3) Os professores são extraídos dos 10% mais bem colocados entre os graduados; 4) As crianças têm um professor particular disponível para casos em que necessitem de reforço; 5) Nos primeiros anos de aprendizado, as crianças não são submetidas a nenhum teste; 6) Os alunos são instados a falar mais que os professores nas salas de aula (NOGUEIRA, 2013, web).

As diretrizes arroladas no sistema da educação da Finlândia tornam a educação acessível para toda a sociedade – sem rupturas e sem discriminação social, econômica ou cultural – já que todos fazem parte da mesma sociedade.

Canettieri² (web) traz à reflexão sua experiência educativa vivida concretamente em solo finlandês, através de sua participação em comitiva que realizou visitas ao país. O grupo composto por 70 integrantes pode presenciar e verificar o grau de autonomia dada aos jovens e às crianças, o papel do professor dentro do sistema de educação e o papel do setor público na produção da qualidade das políticas propostas. A comitiva brasileira – composta por educadores de diversas regiões do Brasil – observou também o grau de inserção dos educandos finlandeses à escola – mesmo daqueles chegavam de outros países – e a aderência de seu sistema avaliativo.

O sistema educacional da Finlândia é pequeno se comparado a muitos estados brasileiros. São 161 escolas básicas, as comprehensive schools – de 7 a 16 anos e 38 escolas secundárias, que totalizam pouco mais de 70 mil estudantes. Soma-se a este sistema os 26 mil alunos matriculados nas 37 escolas vocacionais ou técnicas, 130 mil nas 31 politécnicas e 176 mil nas 20 universidades... Na Finlândia as escolas são consideradas um ótimo local para se trabalhar. Muitos querem atuar nas escolas, especialmente na docência. O prestígio dos professores é alto. Esses profissionais são valorizadíssimos e é comum auferirem salários superiores aos dos reitores, e ganham ainda mais aqueles que ensinam nos dois primeiros anos iniciais, considerados os mais importantes na motivação da aprendizagem. Se não forem adequados, podem interferir negativamente em todos os anos seguintes, afirmam. Os professores que atuam no nível fundamental contam com um suporte de psicólogos para atendê-los (CANETTIERI, web).

¹ O jornalista Paulo Nogueira é fundador e diretor editorial do site de notícias e análises *Diário do Centro do Mundo*

²Ana Cristina Canettieri é administradora, com especialização em Ensino Superior, tendo ocupado o cargo de assessora técnica no Ministério da Educação entre 1980 e 1992. É sócia diretora da Cadec e do Centro Educacional Paulo Nathanael, escola de formação técnica profissional de gestores escolares

No Brasil, o sistema atual sofre de uma violência estrutural que atinge escolas. Algumas, em particular, contam histórias sobre educadores que são recorrentemente vítimas de hostilidades e mesmo agressões físicas provocadas por educandos, revelando uma face da perda de prestígio que envolve a figura profissional do professor. Os meios de comunicação propalam, diariamente, notícias que envolvem o descaso da comunidade com o professor. Enquanto isso, na Finlândia:

Certamente, esse tipo de abordagem é favorecido por um contexto em que a qualidade da formação docente e o prestígio social dos professores estão consolidados. Mesmo não sendo essa a realidade brasileira, a centralidade dos profissionais da educação e a compreensão do processo de ensino-aprendizagem como um processo criativo por natureza, em que devem predominar relações de compromisso e confiança mútua, são aspectos importantes a serem considerados em nosso meio (BRITTO, 2013, p. 20).

Não se trata de olhar a experiência finlandesa como modelo que se possa reproduzir em plagas brasileiras, mas o exercício aqui é perceber as condições materiais que propiciam o desenvolvimento educativo da Finlândia e o entorno cultural que o consolida de forma a perceber como trabalhar para que o Brasil avance em seus modelos próprios – formulados a partir de suas necessidades concretas – para avançar em seus índices de Educação. A relação ensino aprendizagem, em cada país, é fator determinante na construção dos valores sociais que são importantes para cada povo.

A experiência finlandesa no campo da educação tem raízes históricas, políticas, culturais e sociais próprias, que não podem ser transpostas para outros contextos. Não existe panaceia ou receita mágica, replicável independentemente da realidade local. No entanto, ao entender o que está por trás de exemplos bem-sucedidos, podemos refletir sobre a nossa própria trajetória de políticas educacionais e sobre os caminhos de reforma que se vislumbram no horizonte (BRITTO, 2013, p.18).

Nesse sentido, Aranha (2006) comenta sobre o processo de socialização, o qual se inicia com a influência da comunidade sobre os indivíduos que nela estão inseridos.

O mundo cultural é, dessa forma, um sistema de significados já estabelecidos por outros, de modo que, ao nascer, a criança encontra um mundo de valores dados, onde ela se situa. A língua que aprender, a maneira de se alimentar, o jeito de sentar, andar correr, brincar, o tom de voz nas conversas, as relações sociais, tudo, enfim, se acha estabelecido em convenções. Até a emoção, que é uma manifestação espontânea, sujeita-se a regras que dirigem de certa maneira a sua expressão (ARANHA, 2006, p. 59).

Com isso, é possível entender que a cultura – ou a multicultural – está intrinsecamente ligada às questões educacionais, na Finlândia, visto que, conforme Canattieri (web):

Se alguns alunos têm continuamente problemas de aprendizagem, a escola dispõe de professores especiais para recuperá-los. Na prática, se a dificuldade é em matemática, o aluno vai estudar com um professor especializado em problemas de aprendizagem, não com um professor de matemática. E a “recuperação” não ocorre após as aulas: mais tempo não motiva a criança ao aprendizado, pelo contrário, só faz cansá-la ainda mais. Também não são dados muitos exercícios aos alunos com dificuldades de aprendizagem - a quantidade de tarefa escolar é de acordo com as necessidades de cada um. E, ademais, as aulas e os exercícios escolares são organizados de tal forma que o aluno tenha tempo para o lazer. Os alunos com dificuldades de aprendizagem não muito severas estão integrados na mesma turma, e, neste caso, a classe conta com um professor assistente. Pode ocorrer de ter 2 ou 3 professores em sala de aula. Para aqueles com dificuldades mais sérias, há escolas especializadas que funcionam dentro das escolas normais (CANATTIERI, web).

Logo, percebe-se que tais atitudes na educação da Finlândia são questões tratadas através de ferramentas pedagógicas voltadas à adaptação cultural não de um grupo isolado, mas sim para todos.

Esse cenário só se configura por uma atenção especial à formação dos professores, atores fundamentais em qualquer processo educativo.

O preparo do profissional da Educação, na sua fase inicial, leva os candidatos à Universidade por um período de 5 a 6 anos. Professores assistentes são formados em escolas politécnicas. Segundo Canetti (web), é preciso muito esforço para que o docente seja colocado a disposição da sociedade, preocupação que deveria estar no centro da atenção dos cursos de Pedagogia, no Brasil, pois são eles que formam os professores que atuam nas escolas do país.

Recentemente em uma entrevista ao portal Terra (2013, web), Krista Kiuru – Ministra da Educação da Finlândia – comentou sobre a estrutura da educação e sobre o sistema educativo finlandês:

Para destacar três elementos em nossa educação, menciono os bons professores, a qualidade uniforme na educação e também um claro compromisso com a igualdade. O investimento na formação de professores levou a uma situação em que as diferenças na qualidade do ensino são muito pequenas entre 'uma região e outra. No ensino fundamental, todos os alunos têm acesso garantido à escola mais próxima. O foco hoje em dia é colocado muito na tecnologia moderna, mas eu gostaria de lembrar a importância da leitura, fundamental para a aprendizagem. Na Finlândia, temos uma rede de bibliotecas de alto padrão, em que nenhuma taxa é cobrada para empréstimo ou uso das coleções. O índice de quase 100% de alfabetização garante o sucesso em diferentes disciplinas e nos diferentes estágios da educação (TERRA, 2013, web).

Depreende-se, portanto, que é preciso desenvolver políticas públicas estruturais para dar a todos os cidadãos condições de inclusão dentro da sociedade tecnológica, franqueando-lhes o acesso e as condições para apropriação das novas tecnologias. Nesse processo a universalização da Educação – científica e tecnológica – tem que ocupar papel preponderante. Não se trata de, no Brasil, pensar na melhoria da educação de forma seletiva, tomando como referência um grupo social ou econômico – pobres ou ricos; brancos ou negros; – mas se trata de pensar e agir para a educação de todos. A sociedade tem que entender as tramas que envolvem esse processo educativo e tomar em suas mãos o controle dos resultados das políticas de acesso e apropriação da inovação.

3 INOVAÇÃO, EDUCAÇÃO E CIDADANIA

Buscar a compreensão da educação através do exercício de debruçar-se sobre o sistema finlandês corrobora uma prática positiva na compreensão dos fatores que estão sendo discutidos aqui. A Educação suscita uma miríade de temas e reflexões que não se esgotam no lampejo provocado por um artigo.

Mas é preciso deixar claro que entender sobre processos educativos tem a ver com entender sobre processos sociais. Não há educação sem inclusão cidadã. A sociedade atual incorpora diariamente inovações tecnológicas que apontam para uma melhor qualidade de vida no planeta, para uma melhor capacidade de compreensão do mundo concreto, para o pensar e fazer digitais, para a utilização das metodologias que envolvem TIC – EaD, telemedicina, e-serviços, e-administração e e-democracia –, para o exercício fundamental da liberdade amparada no conhecimento proporcionado pela educação.

Estruturalmente a sociedade finlandesa desenvolveu ferramentas para enfrentar o desafio proposto acima. Universalizou o acesso à banda larga e reformou sua educação para atender às imposições de formação de cidadãos para viver em um mundo que valoriza o conhecimento e a inovação. Não se trata apenas de inserir tecnologias dentro da sala de aula, trata-se de estruturar as escolas, os conteúdos, os educadores para proverem capacidades de desenvolvimento intelectual e cidadão para atender ao educando. Educa-se com os meios e para os meios. Forma-se com o uso das inovações tecnológicas, mas também para que o conhecimento avance.

Segundo Aranha (2006) a cultura de massa está baseada nos meios de comunicação de massa. Entende-se que a cultura massificada pelos meios – aqui incluídas as mídias como: televisão, rádios, jornais, revistas, vídeos, a internet – contribui para a disseminação de infinitas informações, que

passam a estar disponíveis, mas devem ser apropriadas pela sociedade. O exercício só é possível através da influência da educação.

O aperfeiçoamento dessas atividades, no entanto, só é possível pela transmissão dos conhecimentos adquiridos de uma grande geração para outra, o que permite a assimilação dos modelos de comportamento valorizado pelo grupo. É a educação que mantém viva a memória de um povo e dá condições para a sua sobrevivência material e espiritual. A educação é, portanto, fundamental para a socialização e a humanização, com vistas à autonomia e à emancipação (ARANHA, 2006, p. 67).

Se a transmissão dos conhecimentos passa de geração em geração, há um significado muito particular nas práticas educativas. No entanto, os modelos mentais e comportamentais que estão envolvidos nas práticas pedagógicas são abrangentes o suficiente para pontar para a formação de um cidadão mundial mais crítico e reflexivo, preparado para atender às demandas do seu tempo – o tempo virtual – na nova configuração geográfica – sem limites e sem fronteiras.

A tecnologia é parte da vida das crianças mesmo antes de entrar na escola, de modo que, às vezes, elas são mais experientes com a tecnologia do que os seus professores! A tecnologia moderna pode ampliar tantas possibilidades na sala de aula que não podemos nem mesmo reconhecê-las ainda. Ela é principalmente uma ferramenta para aprender vários assuntos. Sinto-me honrada em dizer que, na Finlândia, temos alguns desenvolvimentos interessantes, como jogos educativos móveis criados com base em pesquisa acadêmica. A habilidade de usar a tecnologia da informação é essencial para a sobrevivência no mundo de hoje. As escolas desempenham um papel importante para levar as mesmas possibilidades para todas as crianças (TERRA, 2013, web).

O mundo das informações em tempo real exige acesso e apropriação de TIC. Não é possível conviver com um processo educativo que desqualifique as metodologias de ensino apoiadas na inovação que vem das redes digitais. A reflexão sobre o sistema finlandês de ensino passa pela criação de condições materiais de existência para seus cidadãos. E não do contrário. A educação reflete o estágio de desenvolvimento das condições de vida na Finlândia. As políticas educativas têm suporte nas políticas públicas de inclusão para todos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão sobre um conjunto de textos sobre a educação na Finlândia, buscou-se apontar fatores estruturantes para a construção histórica dos índices educativos atingidos pelo país. Fatores de inclusão, fatores culturais e políticas públicas consistentes contribuem significativamente para os resultados observados. O investimento social na formação e o reconhecimento do papel ético dos professores ganha relevo e contorno de importância na estratégia educativa finlandesa.

As condições estruturais que se apresentam para a sociedade brasileira atual são bastante distintas. A desigualdade estrutural se reflete também na desigualdade educativa. A falta de inclusão das populações de baixa renda promove uma visão da Escola como posto de atendimento de políticas de sobrevivência física de jovens e adolescentes. No caso das tecnologias voltadas para sobrevivência na sociedade digital do conhecimento: famílias, professores e educandos não estão se preparando para a apropriação das inovações, já que milhões não têm nem mesmo acesso. A prioridade na Educação cabe bem ao discurso que elige, mas acaba fadada a políticas públicas que atacam as bordas do problema e não suas origens.

Na sociedade em rede (Castells, 1999), o conhecimento é gerado pela dialética proporcionada pelos meios tecnológicos de informação e comunicação. Educandos e educadores, educandos entre si e educadores entre si trocam conhecimento, dialogam, através de dispositivos tecnológicos como smartphones, tablets, computadores, ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs).

A tarefa de educar para a utilização dos meios não é menor, principalmente quando o alvo são os formadores. No entanto, esses esforços têm que vir acompanhados de políticas estruturais para que os educandos possam usufruir de uma educação que os liberte para escolher na sociedade desigual,

marcada pelo interesse. Cabe aos governos prover as condições de acesso e apropriação dos meios digitais. Mesmo que os nativos digitais, atualmente, já estejam adestrados para os meios tecnológicos, eles pouco sabem sobre a liberdade de refletir criticamente sobre esses instrumentos.

As inovações não devem apenas ser introduzidas na sala de aula. As inovações precisam fazer parte da vida das pessoas comuns para facilitarem o acesso à cidadania, ajudar a enfrentar as condições de existência. Daí entrar na sala de aula será apenas uma consequência.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *Filosofia da educação*. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BIZELLI, J. L. O direito ao avanço científico e tecnológico como forma de construção da cidadania na sociedade da informação. In: CRISTINA MARIA PINTO ALBUQUERQUE; ADILSON MARQUES GENNARI. (Org.). *Políticas Públicas e Desigualdades Sociais: debates e práticas no Brasil e em Portugal*. Cultura Acadêmica: São Paulo, p. 125-145, 2012.

_____ e CINTRÃO, L. Inovação, governança pública e desenvolvimento local In: CASAGRANDE, E. E. *Política Fiscal e Governança: reflexão teórica e estudos empíricos*. Cultura Acadêmica: São Paulo, p. 225-247, 2012.

BRITTO, Tatiana Feitosa de. 'O que é que a Finlândia tem?' Notas sobre um sistema educacional de alto desempenho. Disponível em: < <http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td-129-2018o-que-e-que-a-finlandia-tem-2019-notas-sobre-um-sistema-educacional-de-alto-desempenho>>. Acesso em 01 dez. 13.

CANETTI, Ana Cristina. Comentários sobre as diferenças educacionais entre o Brasil e a Finlândia. Disponível em: <<http://www.cadec.com.br/component/content/article/45/92-a-educacao-na-finlandia-e-na-suecia-e-as-razoes-do-sucesso-na-avaliacao-do-pisa.html>>. Acesso em: 30 nov. 13.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

NOGUEIRA, Paulo. Por que o sistema da Finlândia é tão reverenciado. Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/por-que-a-finlandia-esta-fascinando-o-mundo-com-seu-sistema-de-educacao/>>. Acesso em: 30 nov. 13.

TERRA. Exclusivo: Ministra finlandesa explica os pilares da educação do país. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/exclusivo-ministra-finlandesa-explica-os-pilares-da-educacao-no-pais,5c6e6b8eaeff1410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 30 nov. 13.

FERREIRA, C. N. C. Biblioteca pública e biblioteca escolar? **Revista de Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo v. 11, p.9-16, jan./jun. 1978. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/303.pdf>>. Acesso em: 07 de abr. de 2013.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos/ livros. 2007.p.153.

FURTADO, Cássia. **A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação**. Belo Horizonte: EB/UFMG, [2004]. 12 p. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 3., [2004], Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/317.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2013.

GARCIA, E. G. **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola,1989.

HILLESLEINI, A. I. A.; FACHIN, G. R. B. Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino aprendizagem. **Revista ACB**, Florianópolis, v.4, n.4, p.64-79, 1999.

JORNAL DA EDUCAÇÃO. **Publicação do Instituto de Pesquisas e Administração da Educação**, ano 18, nº 138, jan. 2013. Disponível em:

<<http://www.ipae.com.br/pub/pt/jee/4421/>>. Acesso em 15 de maio de 2013.

LEAHY, Cyana. **A leitura e o leitor integral**: lendo na biblioteca da escola. - Belo Horizonte: Autêntica. 2006, p.112.

LOURENÇO FILHO, M. B. O ensino e a biblioteca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946. 1a Conferência da Série “A educação e a biblioteca”, pronunciada na Biblioteca do DASP, em 05/07/1944.

MAYRINK, P.T.; MORADIN, R. H.; VANALLI, T. R. Avaliação de coleções da FDE em bibliotecas de escolas da região de Marília. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 25, n. 3/4, p.49-54, jul./dez. 1992.

PAULA, Rejane Sales de Lima. **Biblioteca na Escola como Gestão da Informação**. Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade - Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Goiás, v. 3, n.1, p. 14, 2012. Disponível em:

<<http://cadernosets.inhumas.ifg.edu.br/index.php/cadernosets/article/viewFile/152/78>>. Acesso em: Acesso em 06 de julho de 2013.

PERUCCHI, V. A importância da biblioteca nas escolas municipais de Criciúma - Santa Catarina. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 4, n. 4, p.80-97, 1999.

SALES, Fernanda de. O ambiente escola e a atuação bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia. **Encontro Bibli**, Florianópolis, n 18, p.40-57, jul/dez 2004.

SANTANA, Deuzimar Gonçalves de; AMATO, Josilma Gonçalves. **A biblioteca escolar como apoio a formação do leitor**: revisão de literatura, 2009, 30f. MONOGRAFIA (Graduação em Biblioteconomia) - Centro universitário de Assunção, UNIFAI, São Paulo, 2008.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e a análise da lei 12.244/ 10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.16, n.2, p.489-517, jul./dez., 2011. Disponível em:< revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/.../839> Acesso em 06 de julho de 2013.

SILVA, Rovilson José da. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In. *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. SILVA, Rovilson J. S.; BORTOLIN, Sueli (org.). São Paulo: Polis, 2006.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. 2. Ed. São Paulo. Cortez. 1995.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Funções da biblioteca escolar. **Cadernos do CED**, Florianópolis, v. 4, n. 1 O, p.67-80, jul./dez. 1987. Disponível em: R. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina / v. 5 / n. 5 /2000. Acesso em: 24 jul. 2012.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Rev. Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p.52-60, maio/ago. 2000.

TARAPANOFF, Kira; SUAIDEN, Emir; OLIVEIRA, Cecília Leite. Funções Sociais e Oportunidades para Profissionais da Informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 3, n. 5, out. 2002.

TARGINO, Maria das Graças. **A biblioteca na concepção de escolares**: influência de variáveis do ambiente escolar. João Pessoa, 1983. 187 p. (Dissertação de Mestrado).

UNESCO- **Diretrizes das Bibliotecas Escolares**, versão em português (Portugal), 2005, trad. Maria José Vitorino. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/50410294/Diretrizes-IFLA-UNESCO-Para-Bibliotecas-Escolares>>. Acesso em: 24 jul. 2012.

VIANA, M. M.; CARVALHO, N. G. de M.; SILVA, R. M. da. Entre luz e sombra: uma revisão de literatura sobre biblioteca escolar. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECAESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1., 1998, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1999.

YUNES, E. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo. In: _____. (Org.). **Pensar a leitura**: complexidades. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, p.13-51.

MINI BIOGRAFIA

José Anderson Santos Cruz (andersoncruz@andersoncruz.com.br)



Professor Tutor - Metodologia da Pesquisa Científica da Pós-graduação na Faculdade Anhanguera, Campus Bauru/SP. Mestrando do Programa de Pós-graduação em TV Digital: Informação e Conhecimento pela FAAC-UNESP-Bauru/SP (Tendo como objeto de pesquisa a Formação Profissional Continuada do Professor Universitário mediante o cenário das tecnologias e convergência tecnológica e midiática - era digital - mediação pedagógica com os meios de comunicação e tecnologias digitais). Graduado em Tecnologia em Marketing pela Faculdade Anhanguera de Bauru/SP. Especialista em Antropologia na Universidade Sagrado Coração. USC-Bauru/SP. Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior e MBA Gestão Estratégica de Negócios pela Faculdade Anhanguera Bauru/SP. Membro da ABRP - Associação Brasileira de Relações Públicas. Membro do CRA - Conselho Regional de Administração. Membro da INTERCOM Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Consultor em Marketing e Comunicação, Palestrante, Gestor de Projetos e Eventos. Consultor em Serviços e Estratégias no segmento Beleza. Palestrante. Coordenação e Gestão de Projetos, Eventos Corporativos e Educacionais. Interesse e pesquisas nas áreas de Marketing, Comunicação, Mídias, Produção de Sentido, Análise do Discurso, Educação, Comunicação em Moda, Negócios, Criação, Pesquisa de Mercado, Embelezamento Pessoal, Consumidor, Administração, Relações Públicas, Comunicação e Mídia no Serviço Social, Políticas Públicas, Visagismo, Construção de Identidade, TV Digital, Educomunicação. Relações Públicas acerca das questões do Serviço Social, Análise do Discurso, Cibercultura e demais áreas que envolvem a Comunicação. Experiência em planejamento e análise de mercado; Estudo e Análise de viabilidade Econômica; Construção e desenvolvimento do Plano de Marketing e outros; Serviços de Coordenação e Supervisão de Equipes; Controle de vendas; Seleção, Desenvolvimento e Treinamento de Pessoal; Gestão de Pessoas. Supervisão Pedagógica; Administração de Departamento/Filial/Franquia; Participação de feiras e execução de eventos. Docente em cursos de especialização em cursos no segmento de beleza, visagismo, colorimetria.

José Luís Bizelli (bizelli@fclar.unesp.br)

Possui graduação (1980) em Arquitetura pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestrado (1990) e doutorado (2003) em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É Livre Docente (janeiro/2013) em Gestão de Políticas Públicas da Faculdade de Ciências e Letras UNESP, Campus de Araraquara, e está credenciado nos Programas de Pós-Graduação em Televisão Digital: informação e conhecimento (FAAC-UNESP, Bauru) e Educação Escolar (FCLAr-UNESP, Araraquara). Coordena o Grupo de Pesquisa (CNPq) intitulado Programa de Governança para a Administração Municipal, dedicando-se a pesquisar principalmente os seguintes temas: inovação, desenvolvimento sustentável, governança em instituições públicas, TICs voltadas ao Ensino a Distância e aplicativos educativos para TVDI. Fez seu Pós-doutorado no Departamento de Ciencias de la Educación, da Universidad de Alcalá de Henares (UAH), Espanha (fevereiro a julho/2013), sendo um dos responsáveis pelo convênio sobre Educação entre a UNESP e a UAH. Foi Diretor da Faculdade de Ciências e Letras Unesp Araraquara e Presidente de seu Laboratório Editorial, durante o quadriênio 2009-2012.

